

«Quelma das Fitas»: mobilização geral

ONDE IRÁ «DESAGUAR» ESTE MAR DE ESPERANÇA E IRREVERÊNCIA?

Por JOÃO BRAVO

Ontem foi o dia em que a «Quelma» acordou, pegou mesmo fogo e uma cidade que só de volta em vez tem um projecto para se unir à volta dos seus estudantes, um «equilíbrio» de uma urbe que tem na Universidade o seu «lar» e na cultura o seu braço.

A receita pode ter atingido um brilho desuado, o baile de gala o «top» da elegância, a parolada o pinouro, a venda da pasta o máximo de simbolismo, mas só o cortejo atinge a expressão total de uma festa que, brestando das faculdades, vai desaguar nas artérias citadinas.

É a única oportunidade que os milhares de habitantes têm para se conectar, para participarem, para se detinarem envolver num mar

de irreverência que escorre pela Sé da Bandeira e vai inundar a Baixa, onde a alegria se concentra e distribui. A tradição, salva por uns tantos que desconfiam corajosa e decididamente alguns ventos de contestação, continua bem viva na cidade dozeira, que, neste Maio lavado pelas águas celestiais, atinge o clímax.

E até é. Pedro deve ter pensado por esta «Luz Alana», pois, se não for isso,

possíveis os troços na pluviosidade e impetiva que o cortejo finisce receber os matos arco-íris das luminosidades, assegurando a integridade dos carros quando do princípio ao fim da caminhada.

Longas foram as horas, mas sempre renovadas com novas ideias, com os gritos entusiásticos, com o saltar das fitas, com os gongos e tambores, com a exultância da liberdade com a esperança, mas cheio de gestos de respeito por um século tradicional que é pouco, para permitir da cidade e da Bandeira.

Quem se curra, de todos os departamentos, danças de imaginação e criatividade apostadas por um jurí exigentes, mas todos, com excepção, com a chance

da sátira, do descomprometimento, da audácia e da independência que constitui, sem sombra de dúvida, a afirmação de uma nova geração, menos enfadada, mais crítica e, por isso mesmo, mais livre.

Antes de tudo, pelo brilho e pela mobilização colectiva dos residentes (a vida para), a certeza que as festividades académicas são imortais, que a Universidade será, no futuro, menos hermitica, mais cada vez mais parte integrante da vida da cidade e do espaço po-

pulacional onde o saber será sempre factor de progresso. Que, para além do tom feérico, da euforia transbordante, dos aspectos placivos, dos eventuais enganos espirituosos, do ambiente polifonético, das cartolas e das bengalas, das chapéus e dos cipitos, se possa encontrar resposta para uma questão seria em ambiente de perdão: onde irá desaguar este mar de esperança e irreverência?

• Saudade tudo em beleza e o «rigno» do Carneiro

A elite e cortejo, como é de praxe, os «velhos» doutores, todos vivendo momentos de insuperável júbilo. «O tempo passa e corre e anda e corre partimes», dois versos que exprimem um sentimento e uma mistica peculiar.

Depois, um desfile imenso, com 57 carros, todos eles intercalados com manifestações de júbilo, de irrequietismo, onde os mais velhos são sempre as grandes «ditadoras» e os debutantes servos humildes de uma «pasta» esota.

Psicologia, Letras, História, Arqueologia, Direito, Engenharia, Estudos Portugueses, Informática, Geolo-

gia, Farmácia, Biologia, Economia, Medicina, Química, Matemática, Física, todas caubaram naquele desfile, que mobilizou milhares de estudantes, sempre saudados cordialmente pela multidão, que se concentrava nas ruas do percurso.

Fotografias aos milhares, abraços mil, todo um ambiente único de uma cidade que sabe unir e congregar nos momentos próprios.

Leonor Balsem foi alvo privilegiado, como é óbvio, da Faculdade de Medicina. Deste jeito: «Com o hospital peluquário/A ministra quer acabar/Estará ela com o cabelo lá e irei a internet». Ou então, esta, porventura

mais chocante «Invadiram o reino de Deus/A septic já desertou/Venus perdeu a beleza/Uma vaca a encontrou».

Mas também a Economia passou a «brasa à sua ardência» quando inventou esta quadra: «O Cavaco a governar/O Capatâneo também quer/Agora a que está a dar/E marar economia».

Mas as Ciências não se ficaram atrás e, numa dasagurada saborosa, entoadaram que: «Falem-me de topografia até fica cinzenta/Para mim é uma alegria/Fala curvas e até c'a gente». Outra referência às novas instalações: «Este nome departamento/E um mundo de primeira/Com instalações ideais/Para fazer uma cinzenta».

E outra crítica, mais ou menos de Esquadrão: «Luz é bonita/Para o mal da indústria/Financas todas engonhadas/E no Marquês do Pombal».

Mas o titular da Educação era certamente mesmo um, onde se podia ler: «Caro amigo sempre/Quero referir/Dezentes Alberto Carneiro/Dezentes descolados».

Mas foi a Faculdade de Direito, quase a mais modesta, que usou o «chamar» das pitadas. Começou por perguntar a Faculdade de Engenharia se lhe davam uma prece tinham dentes, para depois

referir à futura inerte: «Notas altas não querem dar/Só prestígio lhes interessa/Enproje como artista/Num cem velas de promessa». E, mais adiante: «Novos tempos de desespero/Em que tudo é troço na vida/Vejam lá o exagero/As Justiza é vendida».

• Directas nos gerais

Mas os alunos de Direito não pouparam alguns dos seus professores, e podia ler-se num letrino que «Co-

migo o Orlando vai sempre atrás, eu amo-o».

O sentido da despreocupação pode-se encontrar nesta quadra de pé quebrado: «Temos aulas todo o dia/Muitas cadeiras para estudar/Dos exames temos tóbia/Mas a «Quelma» é pra gozar».

E esta mais irreverente: «Não há Eva sem Adão/Toda a maçã tem minhoca/Um só homem veio ao Mundo/Não havia mais na toca».

Também os anúncios publicitários que nos consomem a paciência justificaram esta tirada: «Eu faço orais com Control/Porque chamber é natural». Ou ainda uma pergunta cretina sobre as novas instalações da Universidade: «Pelo 2 ou pelo 2000? Nómadas para sempre».

E foi desta maneira, um tanto encolhida, por vezes quando que o cortejo, lá no teatral, aliado e longo da Faculdade. Os outros seminários, os gongos, as roupas, as passas telegas, a elegância e a beleza como bailes lundu. Muita esperança mas também sarcasmo: «O Marquês e o Carneiro/Andam ambos ao desleixo/O primeiro sabia e que tanto/O segundo vai a piço».

Concluiu, das estudantes e das famílias tem a carga de ideias que o tempo carrega. A tradição e a garra folgosa e «Quelma» a constituir sempre um cortejo, onde a pista levanta os leões de esperança, a colorido e a exultância plena dos habitantes são superiores de uma mistica com sabedoria.

MAI	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
-----	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----

Organiz. Estudantil - Quelma das Fitas - Univ. Coimbra